



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Universitário Santo Agostinho



revista fsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 16, n. 3, art. 5, p. 48-64, mai./jun. 2019

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2019.16.3.5>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



A Aquisição de Experiência em Meios de Comunicação

The Acquisition Media Experience

Joaquim Fonseca Santos Filho

Mestrado em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí
Graduação em Comunicação Social pelo Centro Universitário Santo Agostinho
jocafilho_3_3@hotmail.com

Jacqueline Lima Dourado

Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Professora da Universidade Federal do Piauí
jacdourado@uol.com

Juliana Fernandes Teixeira

Doutora em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia
Professora da Universidade Federal do Piauí
teixeira.juliana.rj@gmail.com

Endereço: Joaquim Fonseca Santos Filho

Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Educação. Rua Ininga, s/n - Campus Ministro Petrônio Portela - Departamento de Comunicação. Ininga 64000-000 - Teresina, PI – Brasil.

Endereço: Jacqueline Lima Dourado

Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Educação. Rua Ininga, s/n - Campus Ministro Petrônio Portela - Departamento de Comunicação. Ininga 64000-000 - Teresina, PI – Brasil.

Endereço: Juliana Fernandes Teixeira

Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Educação. Rua Ininga, s/n - Campus Ministro Petrônio Portela - Departamento de Comunicação. Ininga 64000-000 - Teresina, PI – Brasil.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 15/03/2019. Última versão recebida em 28/03/2019. Aprovado em 29/03/2019.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

Da década de 80 aos dias atuais, o capitalismo contemporâneo impõe aos países medidas para a liberalização do comércio mundial que desregulam as leis trabalhistas e enfraquecem os sindicatos, acarretando o aumento do desemprego. Na área da comunicação, as empresas passam a produzir mais conteúdo, e a concorrência entre elas se intensificam. O objetivo do trabalho é compreender como se dá o processo de aquisição de experiência em meios de comunicação após as transformações socioeconômicas e culturais introduzidas pelos governos no mundo capitalista. O trabalho utiliza como referencial teórico para embasar as investigações os autores Alsina (2009), Bauman (2011), Castells (2018), Hartog (2015), Santos (2017), Silverstone (2002), Moraes (2010), Moura e Rêgo (2012). Assim, o estudo faz uso da pesquisa teórica para compreender as definições e o aporte teórico usado nas análises. O estudo conclui que as histórias abordadas e publicadas pelos meios de comunicação retratam versões de um acontecimento ou experiência defendida pela política editorial do grupo midiático naquele período histórico.

Palavras-chave: Presentismo. Experiência. Acontecimento. Memória.

ABSTRACT

From the 1980s to the present day, contemporary capitalism imposes on countries measures for the liberalization of world trade that deregulate labor laws and weaken unions, leading to increased unemployment. In the area of communication, companies start to produce more content and competition between them intensify. The objective of this work is to understand how the process of acquiring experience in media after the socioeconomic and cultural transformations introduced by governments in the capitalist world takes place. The work uses as a theoretical reference to support the investigations, authors Alsina (2009), Bauman (2011), Castells (2018), Hartog (2015), Santos (2017), Silverstone (2002), Moraes (2010), Moura e Rêgo (2012). Thus, the study makes use of theoretical research to understand the definitions and the theoretical contribution used in the analyzes. The study concludes that the stories covered and published by the media portray versions of an event or experience advocated by the editorial policy of the media group in that historical period.

Key words: Presentism. Experience. Event. Memory.

1 INTRODUÇÃO

Com as crises econômicas das décadas de 60 e 70 ao estabelecimento do neoliberalismo, o capitalismo contemporâneo impôs aos países medidas que alteram o modo de vida e as experiências das pessoas. Os diferentes modos de experiências humanas (singulares, geracionais e acumulativas) passam a ser transformadas em produtos culturais, assim como as memórias coletivas são registradas pelos meios de comunicação conforme seus interesses comerciais.

O presente trabalho procura compreender como se dá o processo de aquisição de experiência em meios de comunicação depois das mudanças econômicas, sociais e culturais passadas nas últimas décadas do século XXI. O problema de pesquisa é: “Como os meios de comunicação transformam as experiências humanas em bens simbólicos?”

A pesquisa pretende deixar como legado a compreensão de modo os meios de comunicação convertem as experiências humanas em notícia e em outros bens simbólicos, uma vez que as empresas jornalísticas, a partir da década de 90, intensificaram a produção de conteúdo para o consumo de seus clientes, visando se posicionar no mercado de conteúdo. Depois da acirrada concorrência empresarial entre os diversos setores da comunicação, os meios informativos passam a focar na elevação seu portfólio de clientes e na obtenção de mais lucros.

A investigação do trabalho usa a pesquisa teórica acerca do assunto para compreender os conceitos e o arcabouço teórico utilizado para alicerçar as análises. O artigo é dividido em quatro tópicos: o primeiro, descreve a transição do modelo econômico de Estado de Bem-Estar Social para de Estado neoliberal e, conseqüentemente, da passagem do futurismo para o presentismo. O segundo discorre sobre os modos de aquisição da experiência humana; o terceiro explica como o acontecimento, a experiência e a memória são transformados em produtos culturais, e o último é a análise teórica explanada ao longo do texto.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Do futurismo ao presentismo: a crise bate à porta

Após a Segunda Grande Guerra, muitos países desenvolvidos e subdesenvolvidos passam a adotar o Estado de Bem-Estar Social em resposta ao liberalismo econômico

responsável pela crise de 1929 e a massa de trabalhadores desempregados e sobreviventes do conflito mundial pós-1945. Então, esses países buscam meios de reconstruir a suas infraestruturas básicas e, ao mesmo tempo, garantir benefícios sociais à população desassistida.

Neste caso, o Estado deve intervir na economia e na sociedade apenas quando for necessário, no entanto, ele atua em relação íntima entre as corporações empresariais e os sindicatos de trabalhadores. Essa interferência do Estado dá mais garantias trabalhistas e sociais à classe de operários por meio de regulamentações, assim como, há um fortalecimento de sindicatos dando mais poder aos acordos coletivos e permitindo aos mesmos cobrar taxas de sindicalização de seus filiados e poder representá-los em processos judiciais.

Ainda, nessa época, o cidadão comum apresenta esperança de um futuro melhor, fato este conhecido como ‘futurismo’. Este fenômeno deposita a sua fé no progresso pois, representa um amanhã com possibilidades de ser mais afortunado que o dia vivenciado pelo indivíduo naquele período histórico.

O sentido mais profundo, talvez único, do progresso é feito de duas crenças inter-relacionadas – de que “o tempo está do nosso lado”, e de que “somos nós que fazemos acontecer”. As duas crenças vivem juntas e morrem juntas – e continuarão a viver enquanto o poder de fazer com que as coisas aconteçam encontrar sua corroboração a viver feitos das pessoas que as professam. (BAUMAN, 2011, p. 96).

Para Hartog (2015), o futurismo precisa ser compreendido como o predomínio da visão de futuro. “Este é o sentido imperativo da ordem do tempo: uma ordem que continua acelerando ou se apresentando como tal. A história é feita então em nome do futuro e deve ser escrita do mesmo modo” (2015, p. 141).

No entanto, nas décadas de 60 e 70, o mundo capitalista viveu em constantes crises econômicas, dando fim ao período de três décadas de crescimento implantado pelo Estado de Bem-Estar Social. Dessa forma, a maioria dos países com economia de mercado introduz os fundamentos do neoliberalismo defendido por Friedrich Hayek para fazer frente à instabilidade e a inflação passadas por essas nações.

Essa passagem de Estado intervencionista a Estado mínimo faz as nações adotarem medidas que transformam o cenário global na época. Há modificações políticas, culturais, sociais e econômicas desencadeadoras de um acelerado processo de globalização e, conseqüentemente, de regionalização. Esses fenômenos produzem algumas alterações postas em prática pelo capitalismo contemporâneo no intuito de se reestruturarem.

Segundo Castells (2018), as medidas tomadas, tanto pelos governos nacionais como pelas empresas multinacionais são: menos rigidez na gestão; descentralização das corporações e sua reorganização em redes no âmbito interno e no âmbito externo nas conexões com outras corporações; redução da força dos movimentos sindicais; relações laborais mais dispersas e individualizadas; introdução em massa da mulher no mercado de trabalho; flexibilização das regulamentações trabalhistas e mercadológicas; elevação da concorrência entre os países e as empresas no âmbito econômico internacional com o objetivo de obter mais lucros e administração do capital investido (CASTELLS, 2018, p. 61-62).

Com a reorganização das economias mundiais do modo de produção capitalista devido à implementação dos ideais neoliberais, o futurismo entra em decadência e cede lugar ao ‘presentismo’, que procura conseguir o lucro instantâneo. Ou seja, “o presente único: o da tirania do instante e da estagnação de um presente perpétuo” (HARTOG, 2015, p. 11).

Na verdade, o futurismo torna-se o presentismo ou equipara-se a ele à medida que a sociedade de consumo se multiplica e solidifica-se, bem como as tecnologias de comunicação e de informação fazem parte do cotidiano das pessoas e progridem constantemente, acelerando o ritmo das mudanças sociais e econômicas.

Além das múltiplas formas com que, no período histórico atual, o discurso da globalização serve de alicerce às ações hegemônicas dos Estados, das empresas e das instituições internacionais, o papel da ideologia na produção das coisas e o papel ideológico dos objetos que nos rodeiam contribuem, juntos, para agravar essa sensação de que agora não há outro *futuro* senão aquele que nos virá como um *presente ampliado* e não como outra coisa. (SANTOS, 2017, p. 159).

O traço mais visível do presentismo é a crise da fé no progresso e, ao mesmo tempo, na autoconfiança do presente. Isso se dá de duas razões: a primeira, a inexistência de uma instituição (agência) hábil de “mover o mundo para frente”. Assim, a pergunta a ser respondida não é “o que fazer? ”, mas “quem vai fazê-lo? ” E, a segunda razão, é a falta de clareza em saber o que a instituição (agência) precisa fazer para aperfeiçoar o globo, no duvidoso caso de que tenha energia e determinação para tanto. (BAUMAN, 2011).

Conforme Pierre Bourdieu, para planejar o que está por vir, é necessário estar enraizado no presente. O indivíduo precisa estar ancorado em seu próprio presente. O grande problema é que talvez a maior parte das pessoas não se encontra ancorada no presente e vive solta na instabilidade e na completa ausência do Estado. (BAUMAN, 2011, p.98).

Neste tópico, é abordada a passagem do Estado de Bem-Estar Social ao neoliberalismo e também do futurismo ao presentismo, além das principais características

desses períodos históricos. Em seguida, vão ser tratadas as principais formas de aquisição de experiências pelo ser humano, acompanhadas de exemplos para o melhor entendimento do leitor.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Modos de aquisição de experiência

Ao longo da vida, cada pessoa apresenta suas próprias experiências cotidianas. Mesmo que esse indivíduo tenha um irmão gêmeo morando na mesma casa. As experimentações do dia a dia vão ser sempre diferentes, porque eles não vão dividir os mesmos gostos, práticas e escolhas. Por isso, a experiência vivenciada por uma pessoa é única, não podendo ser copiada por outro indivíduo.

Mas, então, o que é experiência? Segundo Castells (2018, p. 72), ela é a “ação dos sujeitos humanos sobre si mesmos, determinada pela interação entre as identidades biológicas e culturais desses sujeitos em relação a seus ambientes sociais e naturais”.

Dessa forma, todo registro histórico aborda autoexperimentos ou vivências de outras pessoas, seja diretamente, seja indiretamente. A maneira de transmitir histórias ou fabricá-las apresenta conexões com a forma de captar, de juntar ou de mudar os modos de viver. Então, cada aquisição ou transformação de experiência se desagua no tempo, dando início a uma história. (KOSELLECK, 2014, p. 33) De acordo com Silverstone (2002, p. 30), não importa se a experiência é mediada ou da mídia, ela “surge na interface do corpo e da psique. Ela, claro, se exprime no social e nos discursos, na fala e nas histórias da vida cotidiana, em que o social está sendo constantemente reproduzido”.

Assim, caso se deseje fixar o início de cada aquisição ou mudança, conforme Koselleck (2014), surgem às três maneiras de experiência. São elas: singular, geracional e de longo prazo.

A primeira maneira é sempre única e irreplicável, ou seja, singular. Aqui, o experimento emerge como ocasional. As pessoas não planejam ou preveem o que vai acontecer, esse modo de experiência é importante para a formulação de biografia e de história. “Somente quem é pego de surpresa pode ter uma experiência. Quando ocorre ou se impõe, esse tipo de experiência mantém seu caráter singular”. Por exemplo, um trabalhador pode ir ao emprego de carro e, no meio do caminho, colidir com o carro em uma árvore. O indivíduo

não tem como vaticinar o que irá acontecer a cinco ou dez minutos depois de ter saído de casa. Por isso, essa experiência é singular.

O segundo modo é relacionada ao conhecimento adquirido pela geração anterior e repassada a seguir para a geração posterior através dos avós ou de pessoas idosas. “Uma pessoa experiente não se surpreende com tanta facilidade, pois sabe com antecedência, por experiência própria, o que a espera ou, pelo menos, o que pode esperar” (KOSELLECK, 2014, p. 34) No entanto, essas experiências de vida transferidas pelas pessoas mais experientes podem persistir durante um tempo, mas logo devem ter mudanças para se adequarem a novos experimentos realizados em um período recente. Exemplo: quando uma pessoa está gripada, a mãe dela receita um chá de alho com limão. Ela recomenda a um filho ou a outra pessoa, algo que, no passado, não muito distante, a mãe dela já havia indicado quando a mesma estivesse com os sintomas da gripe. Assim, essa experiência repetida algumas vezes, durante um período temporal, é assimilada pela geração atual, uma vez que, esses conhecimentos não são transmitidos por osmose.

Por último, pode-se falar do modo de experiência acumulativa. Esta ocorre ao longo de um espaço de tempo em que as experiências vão-se reunindo e agrupando, indo além das surpresas situacionais ou ocasionais e desfazendo experiências geracionais cristalizadas. Então, os experimentos são metamorfoseados em uma unidade temporal relativamente resumida. Como, por exemplo, a previsão se a China vai ou não vai ser a maior economia mundial na próxima década. Há uma grande possibilidade de acontecer em poucos anos, mas é algo ainda incerto, pois existem várias variáveis com influência sobre o mercado chinês, inclusive a atual guerra comercial entre Estados Unidos e China. Dessa forma, é difícil cravar um diagnóstico exato, porque o caso envolve variáveis que vão além das pessoas e das gerações anteriores, e apenas será entendida no futuro próximo através de uma observação histórica.

Quando antigas narrativas históricas pagãs são incorporadas por perspectivas cristãs, quando histórias cristãs são reinterpretadas à luz da racionalidade iluminista, quando experiências alheias do passado são introduzidas na compreensão de si mesmo ou quando toda a história é interpretada a partir da experiência do condicionamento econômico – em todos esses casos a participação da ciência histórica é indispensável para incorporar a mudança de experiência de longo prazo à experiência própria. (KOSELLECK, 2014, p. 38).

É importante esclarecer que o historiador utiliza os três modelos de experiência acima para passar as experiências históricas para o âmbito da narrativa de acordo com os

experimentos da atualidade em que deve ser ratificada a sua veracidade por meio de dados ou de objetos utilizados no período histórico retratado.

Silverstone (2002) aponta dois itens a serem discutidas sobre a textura geral da experiência. São eles: a importância de reconhecer a realidade da experiência e a admissão que a experiência é formada. A primeira ressalta que as experiências são verdadeiras, mesmo aquelas experiências midiáticas. Já a segunda aborda os acontecimentos, os signos e as percepções sensoriais e emocionais como significativas, porque podem se inter-relacionar dentro de um sistema, seja social seja individual. (2002, p. 26-27) Para Silverstone (2002, p. 28), a experiência é moldada, ordenada e interrompida.

É moldada por atividades e experiências prévias. É ordenada de acordo com normas e classificações que resistem à prova do tempo e do social. É interrompida pelo inesperado, pelo não preparado, pelo incidente, pela catástrofe, por sua própria vulnerabilidade, por sua inevitável e trágica falta de coerência. Expressamos a experiência em ações e agimos sobre ela. Nesse sentido, ela é física, baseada no corpo e seus sentidos. (SILVERSTONE, 2002, p. 28).

Assim, Koselleck (2014) cataloga três maneiras de narração, configuração da escrita e confecção metodológica: o registro, a continuação e a reformulação histórica. Para ele, o registro é uma ação originária; a continuação armazena os períodos temporais; a reformulação retifica os dois anteriores, reescrevendo outra história a partir de novos dados ou pontos de vista.

No presente trabalho científico, vai ser explorado apenas o registro, pois ele é importante para preservar informações destinadas à escrita de livros, de revistas e outros suportes físicos e eletrônicos por historiadores e jornalistas, especialmente o de dados e o investigativo. Dessa forma, a ação de registrar é um mecanismo primário realizado por texto escrito ou narrado, formando uma peça histórica sob o ponto de vista do historiador daquele momento da história. Assim, uma narração sobre um determinado período guarda uma singularidade em relação às demais.

De acordo com Koselleck (2014, p. 42), o registro de um dado acontecimento pode ser feito através de entrevista direta de testemunhas oculares e de testemunhas intermediárias. Lage (2004, p. 66-67) acrescenta que,

(...) pode-se testemunhar uma guerra sem presenciar uma batalha, assistindo a um pedaço de uma (dificilmente se terá acesso ao todo) ou vendo várias; do lado do vencedor ou do vencido; identificando-se com as vítimas ou com os agressores. Haverá diferenças cruciais entre o relato de conflitos na Palestina feitos por um judeu ortodoxo e por um militante muçulmano, por mais honestos que ambos sejam.

Esses relatos realizados por testemunhas tanto oculares como intermediárias de um tempo histórico são importantes componentes para a construção de produtos culturais, como as notícias de um portal de informações ou uma matéria a ser veiculada em um telejornal. Ou seja, elas são fontes decisivas para a transformação de um acontecimento ou experiência humana em notícia posteriormente.

No próximo item, o acontecimento midiático, a aquisição de experiência e de memória individual e coletiva serão temas. Só, assim, depois, procederá a análise do arcabouço teórico.

3.2 A aquisição da experiência

Aqui, inicia-se discorrendo sobre o que vem a ser, as suas características e o que é necessário para um evento se tornar em um acontecimento midiático, pois todos os dias ocorrem milhares de ocorrências que não necessariamente se transformam em notícias pelos meios de comunicações, tanto tradicionais como digitais. Por isso, é importante a definição desses conceitos preliminares no estudo corrente.

3.3 A transformação do acontecimento em notícia

Então, o que é acontecimento? Pode dizer-se que conceituar acontecimento é complexo pelo fato de a sua definição ser polissêmica e envolver algumas conexões variáveis como demandas sociais, temporais, epistemológicas, culturais e outros.

Para Alsina (2009, p. 115), “o acontecimento é um fenômeno social (...), está determinado histórica e culturalmente”. Já Traquina (1993 *apud* ARAÚJO; SOUZA, p. 207) define ‘acontecimentos jornalísticos’ como “são de natureza especial e distinguem-se dos outros em função de uma classificação dada pelas leis da probabilidade”. Meneses (2010, p. 61) diz acreditar que falar sobre acontecimento é:

Referir-se àquilo que instaura, no cotidiano, eclosão e rompimento, que pode atingir a ordem estabelecida, desencadeando demanda de sentidos capaz de transformá-la. Sua propagação não ocorre aleatoriamente, antecedendo-lhe variedades de formulações que influenciam a sua construção como artefato da comunicação ou da História.

Pode-se estabelecer três elementos como sendo fundamentais para se definir o acontecimento midiático, segundo Alsina (2009, p. 140): a) a variação do ecossistema; b) a comunicabilidade do fato e c) a implicação dos sujeitos. A primeira, diz respeito ao fato de um acontecimento estar relacionado a seu ecossistema para ser considerado um acontecimento jornalístico. Assim, as normas definidas no âmbito do ecossistema são essenciais para determinar um acontecimento. A segunda, relaciona-se ao caráter de perceptibilidade do acontecimento na medida em que todo fato jornalístico é social e apresenta-se como de conhecimento público. A última, fala que o acontecimento midiático ao ser determinado pelos jornalistas de um dado veículo de comunicação deve levar em conta o público a ser alcançado. (ALSINA, 2009).

É importante destacar o fato de o acontecimento midiático mudar de acordo com o período histórico vivenciado pelos receptores e meios de informação. Além disso, os meios de comunicação fazem parte dos aparelhos ideológicos de hegemonia no intuito de perpetuar o *status quo* por meio dos conteúdos veiculados a seus destinatários. De acordo com Moraes (2010, p. 82), esses atores hegemônicos, possuidores materiais das ideologias responsáveis por promover apoios na sociedade civil, ora para preservar os seus domínios, ora para opor-se a seus discursos. Dessa forma, as ideologias servem como uma espécie de ‘caixas de ressonância’ de posições vigentes nos embates culturais e ideológicos.

No entanto, é necessário esclarecer que existem forças contra-hegemônicas responsáveis por rivalizar contra os atores dominantes. O contrapoder, dessa forma, pretende contrapor e reclamar às autoridades do Estado constituído as condições de exclusão da classe subalterna em relação à classe dominante no âmbito do capitalismo contemporâneo. Logo, conforme Castells (2015, p. 95), “a dominação e a resistência à dominação mudam de caráter de acordo com a estrutura social específica da qual elas originam e que elas modificam por meio de sua ação. O poder governa, os contrapoderes lutam”.

Na parte seguinte, observa-se o conceito de memória, como os meios de comunicação se relacionam com os espaços de memória e como é formada a memória midiática na área de comunicação.

3.4 Memória como meio de registro histórico

A memória retrata um acontecimento do tempo passado por meio de inflexões do presente. (ROUCHOU, 2010, p. 802) Para Silverstone (2002, p. 231), ela é “o lugar, agora, de lutas por identidade e pela posse de um passado”. Já Hartog (2015, p. 25) fala que a memória

se transforma em uma expressão abrangente: “uma categoria meta-histórica, por vezes, teológica”.

De acordo com Lévy (1993, p.78), há dois tipos de memória: a de curto prazo e a de longo prazo. A de curto prazo ou memória de trabalho atua sobre a atenção. A mesma é utilizada quando um usuário lê uma notícia em um portal de informação, ou quando um motorista procura a chave de um carro esquecido em algum lugar de sua casa, por exemplo. Já a memória de longo prazo é usada todas as vezes que um cliente de um banco vai ao caixa eletrônico sacar dinheiro e utiliza a senha para esse fim, pois sem memorizá-la em um pedaço de papel, a pessoa não terá como tirar as cédulas de dentro da máquina.

É necessário conhecer também a memória individual e memória coletiva. A individual é formada por acontecimentos ou experiências vividas por um dado sujeito. Já a coletiva é constituída por conceitos, acontecimentos e experiências determinadas que uma dada população arquiva durante um tempo histórico.

Dessa forma, a memória coletiva é uma importante ferramenta para reavivar a identidade e o sentimento de pertencimento de um povo, mesmo que a história lembrada por este não seja conhecida e reconhecida em um território nacional. Segundo Hartog (2015, p. 171), “para escrever essa nova história, a dos cidadãos, dos sujeitos, em resumo, do povo, que está ‘ainda esquecido na poeira das crônicas’ da época, é preciso, de fato, pôr-se a ler os documentos originais e, muito rapidamente, será preciso ir aos arquivos”.

Outro relevante instrumento para guardar a memória, além da história, é a mídia. Atualmente, ela tem servido de cimento entre a memória e a história. Fato necessário, pois, através dos veículos de comunicação, sabe-se um pouco do passado histórico de um grupo ou de uma comunidade social, trazendo à tona, fatos históricos quase esquecidos. Para Silverstone (2002, p. 244), “a mídia nos oferece suas versões do passado, que são, claro, versões de nossos passados tornados visíveis”.

Os meios de comunicação, como dito, passaram a ter papel de destaque nesse panorama, uma vez que são emissores de discursos que reafirmam posições de poder, pautando o público, formando opiniões e influenciando no imaginário simbólico coletivo. Constituindo-se, pois, na contemporaneidade, como fortes instrumentos de consolidação das identidades coletivas, para as quais convergem os indivíduos a partir dos processos de identificação e do propagado senso de pertencimento. (MOURA; RÊGO, 2012, p. 51-52).

Posteriormente, vai-se fazer a análise propriamente dita do referencial teórico investigado ao longo desse estudo sobre a aquisição de experiência pelos meios de comunicação para depois edificar as considerações finais.

3.5 A aquisição de experiências em meios de comunicação

O trabalho investigativo busca compreender como se dá o processo de aquisição de experiência em meios de comunicação, devido às modificações sociais, culturais e econômicas vivenciadas nas últimas décadas após a propagação de ações pelos governos instituídos para introduzir medidas defendidas por pensadores e economistas favoráveis ao neoliberalismo. Para isso, o estudo visa utilizar uma pesquisa teórica sobre a temática citada acima, no intuito de examinar os conceitos e o arcabouço teórico utilizado para fundamentar as análises e a conclusão desta investigação.

Nas análises deste artigo científico vão ser aplicados como referencial teórico para embasar os estudos, os autores Alsina (2009), Bauman (2011), Castells (2018), Hartog (2015), Santos (2017), Silverstone (2002), Moraes (2010), Moura e Rêgo (2012). As categorias de estudo estabelecidas são: o presentismo, o acontecimento midiático e a memória na mídia. Agora, vamos iniciar as análises.

A partir dos anos 70, o mundo capitalista presencia uma série de mudanças sociais, culturais e econômicas implementadas pelo capitalismo contemporâneo com a finalidade de fazer frente às constantes crises econômicas vivenciadas neste período histórico. Então, Estados nacionais adotam medidas neoliberais em busca de facilitar o ambiente de negócios para atrair capital estrangeiro na economia local.

O problema de essas ações tomadas pelos governos é a consequência. Uma vez que, elas causam o enfraquecimento dos movimentos sindicais, o aumento do desemprego devido o investimento acelerado em tecnologias, a elevação dos índices de desigualdade social e outros. Esse cenário em que os agentes públicos se omitem diante dos problemas sociais advindos pela implementação de um modelo neoliberal é explicado e descrito por Bauman (2011, p. 97) a seguir.

A fadiga do Estado moderno é talvez sentida de modo mais agudo, pois significa que o poder de estimular as pessoas ao trabalho – o poder de fazer coisas – é tirado da política, que costumava decidir que tipos de coisas deveriam ser feitas e quem as deveria fazer. Embora todas as agências da vida política permaneçam onde a “modernidade líquida” as encontrou, presas como antes a suas respectivas

localidades, o poder flui bem além de seu alcance. A nossa experiência é semelhante à dos passageiros que descobrem, bem alto no céu, que a cabine do piloto está vazia.

Neste contexto, a maioria das pessoas perde a esperança de um futuro melhor e passa a viver numa eterna incerteza sobre o que vai ocorrer no dia seguinte. Dessa forma, a sociedade fica descrente no progresso e inaugura-se o ‘presentismo’ em que as modificações tecnológicas são uma constante e a mídia torna-se onipresente. Hartog (2015) consegue resumir este período histórico.

Se o tempo é, há muito, uma mercadoria, o consumo atual valoriza o efêmero. A mídia, cujo extraordinário desenvolvimento acompanhou esse movimento que é, em sentido próprio, sua razão de ser, faz a mesma coisa. Na corrida cada vez mais acelerada para o *ao vivo*, ela produz, consome, recicla cada vez mais palavras e imagens e comprime o tempo: um assunto, ou seja, um minuto e meio para trinta anos de história. (HARTOG, 2015, p. 148).

Para Castells (2018), o ‘tempo intemporal’ chamado por ele ou ‘presentismo’ por Hartog (2015) é o resultado da “liberalização do capital em relação ao tempo e a fuga da cultura do relógio” (2018, p. 516) devido ao avanço das tecnologias digitais incorporadas na “estrutura da sociedade em rede”. Em seguida, ele acrescenta: “Comprimir o tempo até o limite equivale a fazer com que a sequência temporal, e, por conseguinte, o tempo, desapareça”. (CASTELLS, 2018, p. 516).

O acontecimento midiático é um episódio ocorrido em um determinado local em um tempo histórico específico e selecionado entre várias ocorrências. Ele é responsável por dar início ao processo de produção da notícia. Por isso, o acontecimento midiático é considerado um ato social, porque ele apresenta-se como um evento de conhecimento público.

No processo produtivo, durante a transformação de acontecimentos em notícia, o jornalista deve levar em consideração o público do veículo de comunicação para o qual ele pretende redigir a matéria jornalística, pois um leitor só compra um exemplar de jornal impresso quando ele se sente envolvido com as informações contidas naquele periódico. Ou seja, as notícias precisam ser importantes e fazer sentido para o seu público. Alsina (2009, p. 149) acrescenta: “o público cria seu próprio temário dos assuntos que ele considera relevantes a partir, em grande parte dos casos, do temário que a mídia veiculou”.

Ao divulgar as matérias informativas mais ‘relevantes’ naquele momento, a mídia ajuda a pautar a sociedade civil sobre aquilo que ela deve debater e refletir durante o cotidiano, às vezes, ocultando fatos em andamento desfavoráveis a população e contribuindo, dessa forma, para assentar a classe dominante no poder. Moraes (2010, p. 83) explica que a

ideologia dominante é definida no processo de produção. Em seguida, Milton Santos esclarece quem são os grupos privilegiados: “A história é comandada pelos grandes atores desse tempo real, que são, ao mesmo tempo, os donos da velocidade e os autores do discurso ideológico”. (SANTOS, 2017, p. 28).

A memória é a recordação de uma experiência humana ocorrida no tempo passado. Ela pode ser de curto ou de longo prazo e individual ou coletiva. Esta última é uma ferramenta crucial para os habitantes de comunidades tradicionais ou de localidades em que sua história é ignorada ou desprezada pela historiografia oficial. Para Moura e Rêgo (2012, p. 51), “entre os processos de memória e esquecimento existe uma linha tênue, muitas vezes induzida, cuja margem possui fissuras e se molda ao gosto de quem deseja, por algum interesse específico, ressaltar valores ou encobrir eventos”.

Portanto, a memória coletiva auxilia os moradores desses lugares a preservarem a própria história e as experiências adquiridas ao longo da vida, assim como esforça-se para manter a identidade e o enraizamento deles.

Hartog (2015, p.186) diz acreditar que o crescimento do interesse de memória é certamente o reflexo da crise da relação do homem com o tempo e uma tentativa do ser humano de encontrar respostas para este momento crítico. “Mesmo tendo se compreendido que a memória reclamada e proclamada seja menos o produto da transmissão do que da reconstrução de um passado ignorado, esquecido, falsificado às vezes, ela deveria permitir a *reapropriação* na transparência”, conclui Hartog.

Com o avanço das novas tecnologias de comunicação e de informação, a memória garante um importante aliada para registrar suas histórias. Portanto, uma parte da sociedade passa a identificar-se com a sua própria história e experiência vivida, depois que ela é retratada e veiculada pelos meios de comunicação. Silverstone (2002) esclarece que toda narrativa assume um ponto de vista de uma história.

Toda memória é parcial. E, na retórica da mídia, o que se está oferecendo é uma visão do passado que inclui, mas também exclui. É por isso que as batalhas pela memória são travadas com tanta veemência; porque outros reivindicam passados diferentes e recusam os limites de uma interpretação de eventos. (2002, p. 243-244).

A produção de bens simbólicos de um povo ajuda a gravar a memória desse local por meio de filmes épicos, de músicas, de reportagens televisivas e radiofônicas e de matérias jornalísticas publicadas em portais de notícias e jornais, entre outros.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo científico tem como objetivo compreender como se dá o processo de aquisição de experiência em meios de comunicação com as modificações econômicas, sociais e culturais sofridas pelos países capitalistas depois da crise do modelo de Bem-Estar Social e, conseqüente, instauração do neoliberalismo.

É usada a pesquisa teórica com a finalidade de investigar os conceitos e o aporte teórico para discutir a validade e, posteriormente, compreender o fenômeno comunicacional estudado. Por isso, decide-se estabelecer como categorias a serem analisadas: o presentismo, o acontecimento midiático e a memória na mídia. A seguir, descrevem-se as conclusões da análise do conteúdo teórico utilizado no texto.

Depois da década de 70, com a consolidação do modelo neoliberal, os Estados-nações passam a adotar medidas para cortar despesas correntes e atrair investimentos estrangeiros a suas economias. No entanto, essas ações visam debilitar o movimento sindical, afrouxar as regulamentações trabalhistas, reduzir os gastos com proteção social e estimular a vinda de empresas transnacionais com a isenção de impostos e investimentos em infraestruturas para facilitar o escoamento da produção dessas corporações. As conseqüências dessas medidas são, principalmente, o aumento do desemprego estrutural e a elevação da desigualdade social entre as classes sociais de baixa renda e média.

Os efeitos colaterais desse panorama geral são a perda da confiança nas instituições públicas e a descrença crescente na fé de um progresso econômico e social num futuro próximo (futurismo), que cede o seu lugar para o presentismo. Assim, as experiências humanas são realizadas para não durar, como, por exemplo, o trabalho, o casamento, as mercadorias e outras. Os produtos, as pessoas e até mesmo o tempo são precificados. Virando mercadorias com duração mínima de validade.

Os acontecimentos e as experiências midiáticas veiculadas pelos veículos de comunicação servem para direcionar e orientar os seus públicos a respeito dos assuntos que eles devem discutir ou refletir cotidianamente. Sempre, de acordo com o ponto de vista da mídia vista ou lida no momento da transmissão da informação. Além disso, frequentemente, os meios de comunicação omitem os acontecimentos ou parte deles para ocultar os próprios interesses e também de seus anunciantes.

Dessa forma, a mídia apresenta-se como instrumento para manter a situação presente e eternizar a classe dominante de um país. No entanto, é necessário ressaltar a sua importância

para guardar a memória coletiva ou de longo prazo de um povo, como as danças, os costumes e a culinária de uma comunidade quilombola, por exemplo.

Deve-se recordar que as histórias retratadas e veiculadas pela mídia abordam apenas a versão daquele acontecimento ou experiência humana defendida pela linha editorial da empresa jornalística naquele tempo histórico. E essa versão pode mudar com o passar dos anos. Por último, é importante esclarecer que, quando uma mídia adota uma versão de um fato histórico, na verdade, ela está excluindo todos os outros pontos de vista sobre aquela história e, de certa forma, está posicionando-se sobre ela.

REFERÊNCIAS

- ALSINA, M. R. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- ARAÚJO, E. R.; SOUZA, E. C. **Obras jornalísticas: uma síntese**. Brasília, DF: Vestcon.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede: a era da informação – economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- _____, M. **O poder da comunicação**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- HARTOG, F. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- KOSELLECK, R. **Estratos do tempo: estudos sobre história**. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto – PUC-Rio, 2014.
- LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informação**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- MENESES, S. Acontecimento. In: **Enciclopédia Intercom de Comunicação**. V.1. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.
- MORAES, D. Gramsci e as mutações do visível: comunicação e hegemonia no tempo presente. In: MORAES, Dênis (org.). **Mutações do visível: da comunicação de massa à comunicação em rede**. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2010.
- MOURA, R. L.; RÊGO, A. R. Nazismo e fascismo nas páginas da revista O Cruzeiro. In: RÊGO, Ana Regina. **Imprensa: perfis e contextos**. São Paulo: All Print Editora, 2012.

ROUCHOU, J. Memória e história. In: **Enciclopédia Intercom de Comunicação**. V.1. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 26. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

SANTOS FILHO, J. F.; DOURADO, J. L.; TEIXEIRA, J. F. A Aquisição de Experiência em Meios de Comunicação. **Rev. FSA**, Teresina, v.16, n.3, art. 5, p. 48-64, mai/jun. 2019.

Contribuição dos Autores	J. F. Santos Filho	J. L. Dourado	J. F. Teixeira
1) concepção e planejamento.	X	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X		
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X		X